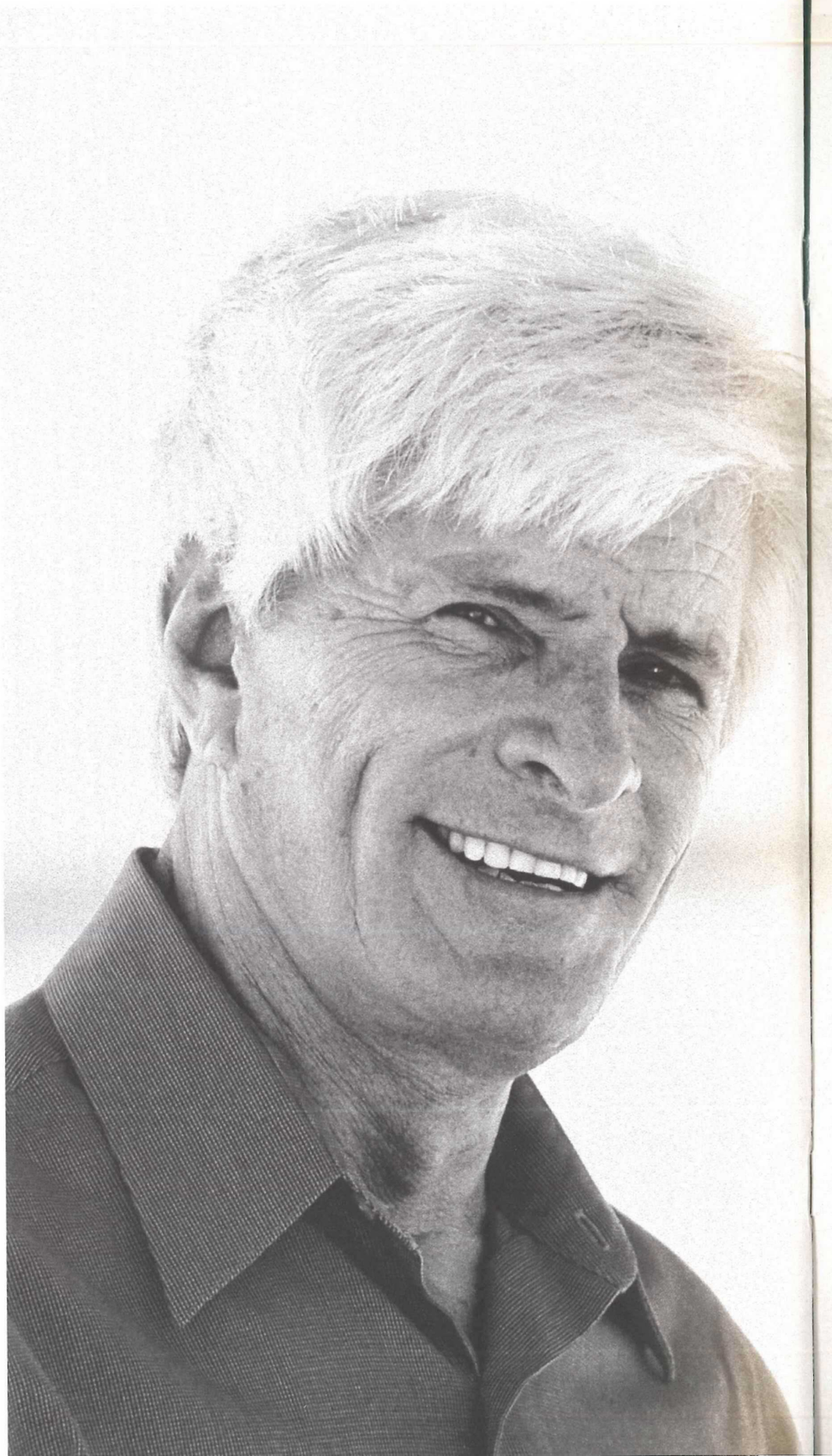
ANTÓNIO LISBOA CHEGOU À CENTRAL TEJO EM 1948



Quando António nasceu, em 1929, a luz eléctrica era uma modernice da cidade, algo de que apenas se ouvia falar. Na sua aldeia, um sítio perdido em Trás-os-Montes, as noites eram passadas com a família encolhida em redor da lareira, tão distante dos divertimentos da metrópole, dos sons da rádio, das iluminações em néon que começavam a despontar aqui e ali.

Aos 19 anos o chamamento da cidade falou mais alto. "A outra hipótese era ficar em Trás-os-Montes e continuar a trabalhar no campo. Mas não era vida para mim, queria ir para Lisboa", conta António, hoje com 77 anos. Da vontade à realização foi apenas uma viagem de comboio e, em 1948, António apeou-se em Santa Apolónia. O único contacto na cidade, que lhe pareceu "tão grande", era o de um primo que também tinha partido à aventura uns anos antes.

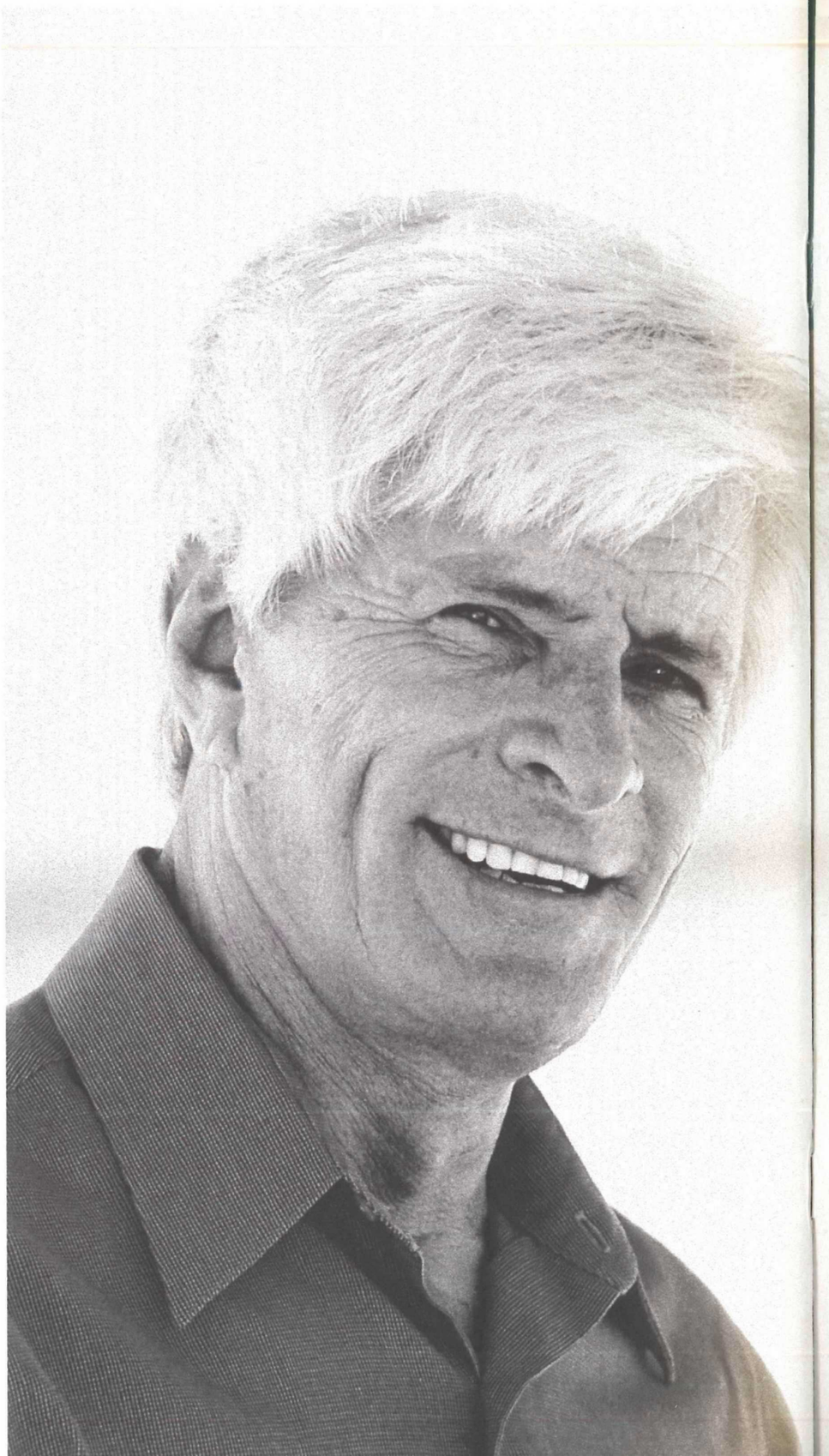
"Sabia mais ou menos onde ele morava e, apesar de nunca ter estado em Lisboa, dei com a casa dele", relembra. A ajuda típica entre conterrâneos não se fez esperar. O primo, que trabalhava na Central Tejo, arranjou-lhe uma vaga como "chegador". "Era um trabalho duro, da meia-noite às oito da manhã. Estava na casa das caldeiras e tinha que distribuir o carvão pelas grelhas, para manter a combustão nas melhores condições".

Os 30 a 40 graus que se faziam sentir, os vapores intensos e o pó das cinzas que perturbava a respiração não facilitavam a tarefa. Ainda assim, António recorda "a camaradagem", os amigos para a vida e, claro, Luísa, a mulher. "Conhecemo-nos na Central Tejo. Ela fazia parte do pessoal que carregava carvão em cestas de verga, desde o rio até à Central. Estamos casados há mais de 50 anos".

Hoje, reformado, olha para o passado com saudosismo. "A vida era difícil naqueles tempos, mas era bom sentir que dávamos luz a Lisboa". E sempre que uma sala se ilumina,

Watt?°

Texto Ana Martins **Foto** Paulo Alexandrino



Quando António nasceu, em 1929, a luz eléctrica era uma modernice da cidade, algo de que apenas se ouvia falar. Na sua aldeia, um sítio perdido em Trás-os-Montes, as noites eram passadas com a família encolhida em redor da lareira, tão distante dos divertimentos da metrópole, dos sons da rádio, das iluminações em néon que começavam a despontar aqui e ali.

Aos 19 anos o chamamento da cidade falou mais alto. "A outra hipótese era ficar em Trás-os-Montes e continuar a trabalhar no campo. Mas não era vida para mim, queria ir para Lisboa", conta António, hoje com 77 anos. Da vontade à realização foi apenas uma viagem de comboio e, em 1948, António apeou-se em Santa Apolónia. O único contacto na cidade, que lhe pareceu "tão grande", era o de um primo que também tinha partido à aventura uns anos antes.

"Sabia mais ou menos onde ele morava e, apesar de nunca ter estado em Lisboa, dei com a casa dele", relembra. A ajuda típica entre conterrâneos não se fez esperar. O primo, que trabalhava na Central Tejo, arranjou-lhe uma vaga como "chegador". "Era um trabalho duro, da meia-noite às oito da manhã. Estava na casa das caldeiras e tinha que distribuir o carvão pelas grelhas, para manter a combustão nas melhores condições".

Os 30 a 40 graus que se faziam sentir, os vapores intensos e o pó das cinzas que perturbava a respiração não facilitavam a tarefa. Ainda assim, António recorda "a camaradagem", os amigos para a vida e, claro, Luísa, a mulher. "Conhecemo-nos na Central Tejo. Ela fazia parte do pessoal que carregava carvão em cestas de verga, desde o rio até à Central. Estamos casados há mais de 50 anos".

Hoje, reformado, olha para o passado com saudosismo. "A vida era difícil naqueles tempos, mas era bom sentir que dávamos luz a Lisboa". E sempre que uma sala se ilumina,